

27-08-2019

As cartas de meu avô (I)

Leila Uruhay Grienz

[Psicóloga Social. Radialista]

Determinada a descobrir se João Saldanha tinha ou não feito contato, na época da Guerrilha de Porecatu, com meu avô - o Gringo -, ansiosa, antecipei minha ida a Indaial.

Dessa vez, mais do que rever minha família e os pássaros da minha cidade, queria remexer nas cartas de meu avô.

Não sei se esse tema dos direitos humanos, a que fui provocada a pensar e escrever nesta coluna, é um desagravo ou um desabafo ou um reencontro comigo. Ou, ainda, um pedido de desculpas ao meu avô. Em Indaial, Bolsonaro teve, no 2º turno, 26 mil votos e Haddad 3 mil. Nem por isso deixo de amar a minha terra (meus conterrâneos ainda não sabem o que isso significa), mas isso me sacoleja por dentro (meu avô saberia muito bem).

Com os ataques raivosos do atual governo aos direitos dos trabalhadores em geral e aos direitos humanos, em especial, a minha militância no movimento em defesa dos direitos das mulheres encheu o tanque com gasolina aditivada.

Daí, voltar ao meu avô com força foi inevitável.

Minha companheira até me disse: *Hei, tem certeza que esse brilho novo nos teus olhos é só por causa do teu avô e do João Saldanha?* Ciúme ou não, levei na brincadeira.

A casa de meus avós, onde morei, está lá, intacta.

Tia Valentina, valente cuidadora de minha (avó) Shatzi, me cobre de beijos quando eu chego. Poderia parecer estranho para uma alemãzona solteirona, mas não para Valentina, beijeira exclusiva de mim.

- Tia, depois dos começos imprescindíveis, falei: *as cartas do 'vô estão lá ainda?* Intactas, sem poeira, empilhadas e amarradas com um toque valentino de carinho e apreço pela memória dos seus amores, estavam. Fora de ordem cronológica, tudo bem, até porque a tia é a dama das não perguntas. Respirei fundo quando me vi pela primeira vez em minha vida mexendo no *silêncio do meu avô*.

Quantas lembranças me vinham à cabeça. Olhando a pilha de cartas me senti desnudada, como se elas me desafiassem.

As cartas me olhavam como se dissessem: *Venha nos mostrar a luz do sol e pôr fim ao silêncio que grita aqui neste canto há tantos anos!* Naquela primeira hora de minha bisbilhotice, uma esquisitice me ocupou inteira. Quantos arrepios, lágrimas, vaziosinhos acumulados, pedacinhos preenchidos, quantos sonhos de menina talvez por ali salpicados. E, quem sabe, quantos arrependimentos, ali, sem querer, explicados. Parei e pensei que eu nem tinha começado a lê-las. Afinal, eu tinha ido buscá-las para saber se o João Saldanha tinha se comunicado com o velho Grienz. Lembro-me bem, menina no portão, do leiteiro com sua carrocinha - o galão enorme e o sino pequenino e barulhento -, sempre muito calmo, e do carteiro com seu embornal cheio de cartas, sempre muito apressado.

E lembro de meu avô as colhendo na caixa de correio como se fossem flores, levando-as com todo o cuidado para o seu jardim de leituras - a saleta ao lado da porta que dava ao quintal -. *Por onde começar?* Pensei. Antes de desamarrar a primeira pilha de cartas um turbilhão de perguntas me veio à cabeça: *Por que Saldanha escreveria ao meu avô?*

E eu me respondia: *porque o Aldezil e o Antonio Silveira precisavam reafirmar a importância da luta que era deles e também do meu avô*. Só um quadro dirigente do PCB poderia dar uma explicação mais detalhada, mais qualificada, sei lá. Talvez falar da guerrilha (bem-sucedida) do Mao Tsé-Tung, na China, talvez explicar com mais propriedade que a industrialização promovida pelo Getúlio poderia ser a senha para deflagrar a reforma agrária no país, talvez, apenas, para demonstrar o carinho que eles tinham pelo Gringo. *Mas, por que numa terra nascida da mão de camponeses, imigrantes, tantas vezes expulsos de seus países, votou-se maciçamente em Bolsonaro 60 anos depois?*

Aí eu respondia: *estou desviando meus pensamentos*.

Eu olhava para as cartas meio envergonhada. Elas talvez estivessem pensando: *essa neta do Gringo vai nos deixar aqui mofando, condenadas às trevas do silêncio das pessoas queridas*. Sem-graça comigo mesmo, Bolsonaro não saía da minha cabeça. *Preciso abstrair*. Eu dizia. Mas, como abstrair se estou aqui “investigando” a relação de Saldanha com meu avô e o Saldanha em 1987, no Programa Roda Viva, disse: *eu considero o Médici o maior assassino da história do Brasil ... o cara matou amigos meus ô ... eu levei p'ro México uma pilha de documentos de 3 mil e poucos presos e 300 e tantos mortos e não sei quantos torturados ...**

... E, ora, peço desculpa às cartas que me olham desconfiadas, mas o atual presidente da república - Jair Messias Bolsonaro - defende (e exalta) a ditadura que teve, segundo o meu “investigado” João Saldanha, como presidente da república, o maior assassino da história do Brasil. Difícil abstrair. Continuei tentando.

Às vezes, nas sessões de terapia, durante a minha formação, ideias obsessivas infiltravam-se na conversa e eu achava que a minha terapeuta era obsessivo-compulsiva. Depois descobri que ela achava o mesmo de mim. Tia Valentina, fez toc-toc na porta da saleta. A fumaça do café tinha cor e cheiro. Fazia muitos anos que eu não prestava atenção naquela coisa mágica: o café feito por quem a gente ama tem cor e cheiro. O gosto que vem depois é a celebração de um ato de ternura. *Tudo bem?* Ela disse. Olhei para ela com um carinho que eu nem lembrava que existia. *Oi, tia, tudo bem, obrigado*. A dama das não perguntas saiu com a calma do leiteiro da minha infância.

E eu acaricieei as pilhas de cartas para acalmá-las e me preparar para conhecer um pouco do silêncio das pessoas queridas... ■■■

Ver:

* <https://www.youtube.com/watch?v=fBjcJUskjRw>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.